

## AS DIFICULDADES E NECESSIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

### The difficulties and the needs of English Language teaching-learning for students of youth and adult's education

Monica Keiko KANASHIRO (Faculdade Cultura Inglesa, São Paulo/SP, Brasil)

**RESUMO:** *Este artigo investiga, por meio de questionários, as dificuldades e necessidades de aprendizagem de língua inglesa de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola municipal da zona oeste de São Paulo, a fim de que professores possam repensar sua prática docente buscando novas propostas e alternativas de trabalho a serem desenvolvidas com os alunos desse contexto. A pesquisa está embasada nos sete saberes necessários à educação do futuro de Morin (2001), na perspectiva de Freire (1996) sobre a pedagogia da autonomia e no professor como intelectual transformador de Giroux (1997).*

**PALAVRAS-CHAVE:** EJA; Ensino-aprendizagem da Língua Inglesa; Necessidades dos alunos; Educação do futuro; Professor transformador.

**ABSTRACT:** *This article investigates, through questionnaires, the difficulties and needs of English language learning of students of Youth and Adults Education (EJA) from a municipal school in the west zone of São Paulo, in order that teachers can rethink their teaching practice looking for new proposals and work alternatives to be developed with students in this context. The research is based on the seven knowledge necessary for the education of the future of Morin (2001), in the perspective of Freire (1996) on the pedagogy of autonomy and on the teacher as a transformative intellectual of Giroux (1997).*

**KEYWORDS:** Youth and Adults Education; Teaching-learning of English language; Student needs; Education of the future; Transformative teacher.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo investigar as dificuldades e necessidades de ensino-aprendizagem da língua inglesa dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola municipal de São Paulo.

A EJA conquistou seu espaço a partir da lei de diretrizes e bases da educação nacional (1996), a qual dispõe sobre a destinação das pessoas que não tiveram acesso ou continuidade escolar no ensino fundamental e médio na idade própria. No entanto, Almeida e Corso (2015) visualizam vários desafios quanto à configuração da EJA e para isso se embasam nas palavras de Arroyo (2007) que a define como:

uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas. [...] A inclusão da EJA na legislação configura-se como uma opção política que precisa ser legitimada pela prática pedagógica (ARROYO 2007, apud ALMEIDA & CORSO, 2015, p.1297).

Um dos desafios apontados por Almeida e Corso (2015) é desenvolver processos de formação humana contextualizados socialmente e historicamente com o objetivo de reverter a exclusão e garantir o acesso, a permanência, e o sucesso no início ou no retorno desses indivíduos à escolarização básica.

A EJA é organizada em 4 etapas (alfabetização, básica, complementar e final) oferecidas nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) e nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio (EMEFMs), no período noturno, com duração de 4 anos para jovens e adultos que por vários motivos não concluíram o Ensino Fundamental no tempo regular e que buscam escolaridade. Devido a esse perfil heterogêneo, surgiu a curiosidade de investigar as dificuldades e necessidades desses públicos a partir da perspectiva dos próprios discentes, para que docentes, a partir de tal levantamento, possam repensar e buscar melhorias em sua prática pedagógica.

A investigação foi realizada por meio de questionários aplicados aos alunos da EJA. Nossa pesquisa está embasada nos conceitos de Morin (2001) sobre os sete saberes necessários à educação do futuro, de Freire (1996) sobre a pedagogia da autonomia e de Giroux (1987) sobre o professor como intelectual transformador e pretendemos responder a duas perguntas essencialmente:

**1) Quais as necessidades expressas pelos alunos da EJA em relação à aprendizagem da língua inglesa?**

**2) Qual é o papel do professor diante dessas necessidades?**

Tendo em vista o nosso objetivo, o tema e o motivo da nossa pesquisa, estruturamos nosso trabalho em quatro partes: fundamentação teórica, metodologia, apresentação e discussão dos dados e considerações finais.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, abordaremos a educação de uma perspectiva sócio-construtivista

por 3 grandes vertentes e autores: Morin (2001), de Freire (1996) e Giroux (1997).

## 1.1 OS SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO

Para Morin (2001) a formação dos jovens como cidadãos não deve ter como premissa a mera transmissão de conhecimento, sem levar em conta o conhecimento do próprio aluno que muitas vezes é ignorado ou subestimado. Dessa forma, o autor define sete saberes necessários à educação do futuro: (1) as cegueiras do conhecimento, (2) os princípios do conhecimento pertinente, (3) ensinar a condição humana, (4) ensinar a identidade terrena, (5) enfrentar as incertezas, (6) ensinar a compreensão, e (7) a ética do gênero humano.

Em relação às cegueiras do conhecimento, Morin (2001) entende que nenhum saber é absoluto e que sempre há algo a mais para aprender. O autor entende o conhecimento como uma tradução que é seguida de uma reconstrução. Essa reconstrução, por sua vez, é a percepção de um estímulo recebido que é transformado e decodificado em outro código. É necessário ensinar o conceito de conhecimento aos alunos, pois cada aluno terá sua própria forma de percepção. O conhecimento não pode ser considerado uma ferramenta pré-determinada, pois é necessário compreender sua natureza. Por fim, Morin (2001) salienta que o erro se dá quando tanto o professor quanto o aluno acreditam possuir conhecimento suficiente e necessário, pois há uma acomodação do conhecimento.

O segundo saber prioriza o conhecimento e o reconhecimento do saber individual de forma equilibrada. Além do conhecimento a ser adquirido na escola, cada indivíduo possui em sua vivência experiências únicas que precisam ser levadas em consideração durante o processo de ensino-aprendizagem. O conhecimento individual do aluno permite inseri-lo no conhecimento global do qual ele faz parte, do micro para o macro (a escola, o bairro, a cidade, o estado, o país, o mundo). O contexto do aluno é um aspecto essencial para esse segundo saber ao passo que ele consegue associar sua realidade com a realidade mais ampla do mundo. A pandemia da Covid-19 é um exemplo disso, pois é um problema tanto global quanto local em que se faz necessário que o conhecimento individual inclua a conscientização da importância da higiene e da necessidade do isolamento social.

O terceiro saber reconhece a condição de que todos somos seres humanos, independente de raça, condição social, gênero. Morin (2001) evidencia que a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. O aluno como um indivíduo da sociedade precisa tomar conhecimento e consciência da sua identidade e da sua relação com outras pessoas. A complexidade da natureza humana - como o sentimento, a paixão, o desejo, o medo - evidenciada por Morin (2001) precisa ser restabelecida na educação por meio das disciplinas, uma vez que cada ser humano está se conhecendo e se reconhecendo o tempo todo.

O quarto saber atenta ao fato de estarmos todos na mesma esfera. Mais uma vez, para ilustrar, temos o exemplo da Covid-19 em que todos os seres humanos do planeta

Terra mesmo divididos geograficamente estão enfrentando nos dias de hoje o mesmo problema, os mesmos riscos e as mesmas preocupações.

No quinto saber, Morin (2001) discorre sobre a importância de se aprender e saber lidar com as incertezas e ressalta a necessidade de ensinar princípios e estratégias que permitam aos alunos enfrentar mudanças e imprevistos. Este saber se relaciona com o primeiro saber quando diz que nada é certo nessa vida.

No penúltimo saber, Morin (2001) afirma que é imprescindível trabalhar a compreensão mútua entre as pessoas e a empatia, assim como o reconhecimento da diversidade humana, pois só assim as relações humanas sairão da estaca zero da incompreensão. Este saber pede, portanto, uma reforma das mentalidades. Por fim, o último saber diz respeito à tríade - indivíduo, sociedade e espécie - como forma de humanização da humanidade. Essa tríade funciona ao passo que o indivíduo precisa ter consciência de que é humano, parte da sociedade e parte da espécie. A ética deve ser posta como conscientização e não como um conjunto de regras de um grupo social. Nesse sentido, a ética indivíduo/espécie necessita do controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade.

Tendo em vista todos os saberes apresentados, a educação deve contribuir de forma transformadora para a formação de cidadãos conscientes de si e na sociedade com plena ciência do seu pertencimento local e global.

## 1.2 PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Freire (1996) defende uma ação educativo-crítica por meio de saberes fundamentais à prática docente, pois para ele, formar é muito mais do que transferir conhecimento. O autor reafirma a responsabilidade ética quanto ao exercício da docência e define essa ética não com uma virtude, mas como:

a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos. (FREIRE, 1996, p.10).

Essa perspectiva de ética é fundamental para o autor (FREIRE, 1996), segundo o qual é impossível para o educador ser um sujeito histórico e transformador, através de uma ação educativa, se o docente não assumir essa posição de sujeito ético. Se o professor é um exemplo para os alunos, o melhor meio de assumir essa posição de sujeito ético é vivenciá-la, de fato, por meio das relações com os alunos, da corporeificação das palavras, pelo exemplo. Palavras e ações devem condizer umas com as outras.

Tendo o docente como esse sujeito ético, o autor ressalta algumas dificuldades encontradas por esse mesmo sujeito com alguns ditos populares de senso comum como “a realidade é assim mesmo, o que podemos fazer?” (FREIRE, 1996, p.11). O autor

responde que só há uma saída para a prática educativa não cair no senso comum de aceitação da realidade que é mudando-os, ou seja, adaptando o aluno a esta realidade que aparentemente não pode ser mudada e mudá-la.

Ao dizer que ensinar não é transferir conhecimento, Freire (1996) evidencia que o trabalho docente consiste em elaborar alternativas para a sua própria criação e construção da sua própria prática. Para isso, o autor traz os conceitos de formador (o sujeito que forma) e de objeto (quem é formado), pois “quem forma se forma e se reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p. 12). Ou seja, é uma via de mão dupla. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Um dos norteadores dos saberes à educação é pensar certo. Para Freire (1996), pensar certo é não estar demasiado certo da certeza. O professor que pensa certo é aquele que consegue fazer com que seus alunos percebam que estar no mundo, como ser histórico, de uma determinada época e espaço, é poder intervir e transformar o mundo de alguma maneira. Por outro lado, o professor que não pensa certo é aquele que não instiga os seus alunos, ou que possui uma realidade idealizada através de sua prática docente e não relaciona o que é ensinado em sua disciplina com a realidade externa dos alunos, como os problemas do bairro ou da cidade, por exemplo.

Além disso, ensinar exige pesquisa. Ao ensinar se pesquisa e, quanto mais se pesquisa, mais se tem algo de novo a ensinar. O elemento propulsor essencial tanto para a pesquisa quanto ao ato de ensinar é a curiosidade que deve ser instigada pelo docente. Essa curiosidade está relacionada com a criticidade dado que a curiosidade, de forma camuflada, é o senso comum no qual o docente através da sua docência deve promover e desenvolver para a formação de um aluno/cidadão crítico. Sendo assim, não se deve deixar de lado o caráter estético da aprendizagem. É preciso que haja um rompimento de uma educação passiva para uma formação mais crítica do aluno, do ser humano para construir novas percepções e perspectivas do mundo.

Pensar certo também é respeitar os saberes dos educandos, enxergando-os como indivíduos que possuem experiências sociais que podem e devem ser correlacionadas na prática educativa do docente para que ela se torne mais significativa para o aluno. Da mesma maneira, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural do aluno deve ser respeitada. Além de cumprir o conteúdo, o professor precisa ter um olhar direcionado ao seu aluno como indivíduo, ou até mesmo uma intuição mais afetiva e sensibilizada direcionada aos alunos. É importante que se reconheçam as individualidades que fazem parte do ser humano, de quem somos, de como somos e de pertencimento, entendendo como isso afeta o processo educativo do aluno.

Além do mais, a aprendizagem também ocorre por meio das experiências informais e sociais dentro da própria sala de aula como a interação dos alunos entre si por meio das conversas paralelas, dos empréstimos de materiais, das brincadeiras, das trocas de conhecimento. Posto isto, a sala de aula não é o único espaço responsável pela aprendizagem do aluno, pois também se aprende durante o intervalo no pátio, no refeitório, nas refeições, nas brincadeiras e outros tipos de interação social. Fora da



escola, o aluno também aprende ao se relacionar com outras pessoas em vários espaços.

Em vista desses saberes, o docente reconhece que durante o processo de ensinar não basta transferir conhecimento (só isso não é o suficiente), sendo preciso colocar em prática os valores associados ao conteúdo programático ensinado no dia a dia na sala de aula e fora dela. Se o professor ensina aos seus alunos sobre a importância da reciclagem em sua aula e no pátio joga o copo plástico no lixo destinado ao vidro, suas palavras não condizem com sua prática. Portanto, o professor precisa se comprometer a não se acomodar com sua realidade, e sim mudá-la, através da constante reflexão crítica da sua prática para construí-la e reconstruí-la, para se inventar e reinventar quantas vezes for necessário.

Desta maneira, precisamos ter ciência de que a educação é essencialmente política e ideológica visto que a ideologia permeia os valores incorporados no material didático, nos currículos escolares, na escolha do projeto pedagógico da escola. E o mais importante, é preciso entender e reconhecer que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

### **1.3 PROFESSOR COMO INTELECTUAL TRANSFORMADOR**

Giroux (1997) ressalta que a reforma educacional necessária aponta um desafio e uma ameaça para o professor. O desafio concerne à união dos professores para demonstrar ao público seu valor e seu papel essencial no trabalho de uma educação pública de qualidade e democrática. Quanto à ameaça, o autor discorre sobre a subestimação da capacidade do professor da rede pública de liderar intelectualmente e moralmente com os alunos. Desse modo, as contribuições feitas por esses profissionais são desprezadas e desvalorizadas. O autor apresenta outro empecilho como “[...] ideologias instrumentais que enfatizam uma abordagem tecnocrática para a preparação dos professores e também para a pedagogia da sala de aula” (GIROUX, 1997, p. 158)

Esse outro obstáculo toma o lugar e tempo de uma atividade que o professor poderia estar desenvolvendo e se apropriando de currículos que contemplem seus objetivos pedagógicos, mas tem que cumprir tarefas burocráticas dos programas escolares.

Como parte de sua prática docente, o professor deve preparar sua aula fazendo pesquisas sobre o assunto, refletir sobre qual é a melhor forma de ensinar determinado tópico, além de escolher conteúdos pertinentes à realidade dos alunos de acordo com suas necessidades naquele momento. É preciso pensar na melhor estratégia e método para trabalhar o conteúdo desejado, pois segundo Giroux (1997), nem todos os alunos aprendem a partir das mesmas técnicas, dos mesmos materiais e modos de avaliação. Logo, a estratégia de ensino de um mesmo conteúdo precisa ser alterada quando se muda de uma sala para a outra ou até mesmo dentro de uma mesma sala. Cabe ao docente ter essa percepção sobre os seus alunos. Essa atividade requer um planejamento prévio, fora da sala de aula. Sendo assim, o trabalho do professor não pode ser apenas tecnicista, pois isso bloqueia o desenvolvimento do pensamento crítico. É necessário

repensar e reestruturar a natureza da atividade docente tendo o professor como um intelectual transformador.

À vista disso, a prática docente é uma prática intelectual, pois ela envolve diversas formas de pensamento, desde a pesquisa até o ato de colocá-la em ação. Ao planejar uma aula, a seleção dos conteúdos é um aspecto essencial que não deve ter foco exclusivo nos vestibulares, provas específicas ou nos conteúdos a serem ensinados para aquela determinada série. Essa seleção deve ir além, deve-se pensar em como aquele conteúdo vai ser produtivo e significativo para o aluno como ser humano em uma sociedade, ou seja, como cidadãos reflexivos e ativos pertencentes à uma sociedade com interesses políticos, econômicos e sociais mediante à prática docente. Por fim, esse professor precisa “assumir responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias acerca do que ensinam, como devem ensinar e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando” (GIROUX, 1997, p.161). Isso deve ser evidenciado pelo professor a fim de se promover uma educação emancipadora e transformadora. Tendo discutido os principais aspectos relacionados à EJA e à educação, na próxima seção será apresentada a metodologia desta pesquisa, incluindo-se o contexto no qual o estudo foi conduzido.

## **2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa qualitativa se caracteriza como uma pesquisa-ação, pois de acordo com Tripp (2005), este tipo de pesquisa educacional é uma estratégia decisiva no desenvolvimento tanto dos professores quanto dos alunos. Ao investigar as reais necessidades dos alunos na sala de aula, o professor pode utilizar os resultados de suas pesquisas para repensar sua prática docente por meio de ações efetivas e reflexivas e, conseqüentemente, buscar assegurar o aprendizado de seus alunos. Para isso, como instrumento de coleta de dados, foi desenhado e aplicado um questionário para os alunos da EJA investigando sobre seus desafios e necessidades de aprendizagem da língua inglesa.

### **2.1 A ESCOLA**

A escola municipal de São Paulo está localizada num bairro periférico da zona oeste de São Paulo. A escola possui três turnos: matutino (ensino fundamental II), vespertino (ensino fundamental I) e o noturno (EJA), enfoque dessa pesquisa. De acordo com o censo escolar de 2018, a escola contempla um total de 1131 alunos e segundo o questionário do perfil socioeconômico da família (2019), os alunos possuem um perfil baixo.

### **2.2 INSTRUMENTO DE COLETA**

O instrumento de coleta utilizado nesta investigação foi um questionário impresso, composto por 32 questões semiabertas e dividido em 3 partes: (1)

identificação, (2) processo de ensino-aprendizagem, e (3) sugestão/comentário. A primeira parte buscou identificar quem é esse aluno (idade, gênero, escolaridade, trabalho, estado civil, motivo de parar e voltar a estudar). A segunda parte foi estruturada em 3 partes: (1) relacionamento, (2) aula, e (3) pedagógico. A terceira parte buscou coletar sugestões e comentários de cunho livre quanto a qualquer aspecto.

As opções de respostas para as perguntas da segunda parte do questionário foram: *boa, ruim, razoável, indiferente, ótima, péssima* e *complicada*, além de possuir um campo para o aluno justificar sua resposta. Esta parte buscava levantar dados sobre o relacionamento dos alunos com a gestão, funcionários, professores e outros alunos, assim como informações sobre a estrutura/recursos da escola.

A aula, por sua vez, compreende a aprendizagem e o comportamento do aluno. A aprendizagem engloba questões relacionadas ao acompanhamento da matéria exposta, dificuldade em desenvolver as atividades propostas, registro da matéria apresentada no caderno, liberdade para fazer perguntas, foco durante a explicação e a realização das atividades propostas. Enquanto o comportamento durante as aulas compreende questões relacionadas às conversas com os colegas, ao uso do celular, do fone de ouvido, às bagunças e os motivos. As opções de resposta para ambas as partes foram: *nunca, algumas vezes, na maioria das vezes e todas as vezes*.

A parte pedagógica abarcava o processo de ensino-aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Pedimos aos alunos para classificarem em ordem numérica os seguintes aspectos na sala de aula: o que mais incomoda e dificulta a aprendizagem da língua inglesa (conversa paralela, posicionamento das cadeiras, iluminação/ventilação, a diferença de idade entre os colegas, brincadeira/bagunça), o eixo que tem mais dificuldade (oralidade, escrita, leitura), o que auxilia na aprendizagem (livro didático, atividades em dupla/grupos, vídeos/músicas/jogos, explicação do professor, correção das atividades, aulas na sala de informática). E fora da sala de aula: o que mais incomoda e dificulta a aprendizagem da língua inglesa (trabalhos/pesquisas para casa, trajeto para chegar na escola, tarefas domésticas, acesso à internet, outros), a importância do inglês no cotidiano (entender as letras de músicas, entender o vocabulário de filmes, entender o vocabulário de games, entender outdoors e propagandas, outros), o que auxilia na aprendizagem (familiares, caderno do aluno, ouvir música, ver seriado e filme com legenda, ver seriado e filme sem legenda, internet, outros).

Buscamos, dessa forma, levantar dados quanto às dificuldades e necessidades bem como aspectos que mais os auxiliam no processo de ensino-aprendizagem. Para melhor visualização, o questionário estará disponível no anexo.

### **2.3 PARTICIPANTES**

São 12 participantes (4 homens e 8 mulheres) entre 16 e 44 anos. Os jovens são solteiros e não possuem filhos enquanto a maioria dos adultos são casados e possuem mais de um filho. Na sequência, analisaremos os resultados obtidos pelo questionário.



### 3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção serão apresentados e discutidos os dados levantados pelo questionário a partir da estrutura: (1) identificação, (2) processo de ensino-aprendizagem - (A) relacionamento, (B) aula, (C) pedagógico e (3) sugestão/comentário.

#### 3.1 IDENTIFICAÇÃO

A fim de assegurar a confidencialidade dos participantes teremos os seguintes nomes fictícios: Fernando, Amanda, Marcos, Ricardo, Cássia, Henrique, Letícia, Mariana, Carol, Keila, Andressa e Helena. A seguir, os dados mais detalhados (Tabela 1):

Tabela 1 - Identificação dos participantes

Nome	Idade	Estado civil	Filhos	Trabalho	Retenção	Tempo fora da escola
Fernando	15	Solteiro	Não	Não	6º e 7º ano	
Amanda	17	Solteira	Não	Garçonete	6º ano	1 ano
Marcos	16	Solteiro	Não	Não	3º, 5º e 8º ano	1 ano
Ricardo	15	Solteiro	Não	Não	8º ano	
Cássia	16	Solteira	Não	Não	Nunca	
Henrique	22	Solteiro	Não	Sim	5º ano	1 ano
Letícia	43	Casada	4	Trabalha	1 vez	15 anos
Mariana	39	Casada	3	Serviços gerais	Nunca	20 anos
Carol	36	Casada	3	Camareira	Nunca	
Keila	34	Casada	2	Sim	Nunca	17 anos
Andressa	44	Casada	2	Não	Nunca	15 anos
Helena	39	Solteira	4	Empregada doméstica	Nunca	25 anos

Fonte: Elaborado pelo autor

Obtemos participantes entre 16 e 44 anos (6 jovens e 6 adultos) e mulheres em

sua maioria. De forma equilibrada temos participantes solteiros e casados (6 solteiros e 6 casados). Os mais jovens são solteiros e não possuem filhos e os mais velhos são casados e possuem mais de um filho. A jornada dupla e muitas vezes tripla influencia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Posto isso, o professor precisa ir de encontro ao que Freire (1996) fala sobre ter um olhar direcionado ao seu aluno como indivíduo ou até mesmo uma intuição mais afetiva e sensibilizada direcionada aos alunos. Isso não quer dizer facilitar para o aluno que não realiza as atividades ou não entrega os trabalhos, mas procurar tentar entender o motivo de ele não os realizar. Ele não entrega o trabalho porque não quer ou não consegue? Ele possui os recursos necessários para fazer o trabalho em casa? Ao decorrer deste trabalho, levantaremos algumas respostas para nossos questionamentos.

De 12 alunos, 7 trabalham e este fato pode interferir no rendimento escolar. Quanto à retenção, entre os 12 alunos, 6 responderam que não foram retidos, ou seja, abandonaram os estudos. O número de faltas foi um dos principais motivos de retenção seguido da dificuldade de compreensão e de organização. Letícia embora não tenha respondido a questão relacionada à série em que foi retida, justificou a dificuldade de compreensão como o motivo da sua retenção. Em relação ao tempo fora da escola, 5 participantes responderam o período em que ficaram sem estudar (1 a 25 anos). Identificados quem são esses alunos, passamos a investigar como eles avaliam o processo de ensino-aprendizagem.

### 3.2 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

#### (A) Relacionamento

A partir de 5 questões, analisaremos a seguir o relacionamento dos alunos com os colegas, professores, gestão, funcionários e avaliação da estrutura e recursos da escola.

Os alunos possuem uma relação boa com os colegas (5 alunos classificaram como boa, 4 como ótima e 3 como razoável). As justificativas de Marcos, Ricardo, Cássia, Letícia e Carol para suas respostas como *boa*, *razoável*, *ótima*, *ótima* e *boa* são respectivamente “colegas ajudam uns aos outros”, “não falo com todos, e fica um clima chato”, “nós nos relacionamos bem”, “adorei meus amigos de escola” e “bons colegas”.

Esse relacionamento entre os pares é importante no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, pois ainda sobre a condição humana posta por Morin (2001), a partir do momento em que o aluno toma conhecimento e consciência da sua identidade, e conseqüentemente da complexidade humana, ele passa a perceber o outro. No que lhe concerne à língua inglesa e mais especificamente ao professor, esse deve dar conta de possibilitar ao aluno reconhecer e respeitar a diferença dos outros através da oferta de culturas diferentes e outros temas relacionados durante suas atividades, assim como o de criar um ambiente mais aberto e amigável onde todos se sintam bem. Deste modo, Ricardo apesar de não falar com todos os colegas deve reconhecer que as pessoas são diferentes e que está tudo bem nisso. Ademais, como indivíduo da sociedade, o

aluno ao tomar consciência da sua relação com outras pessoas, desenvolve a questão sociocognitivo, aspecto fundamental para a formação de cidadão.

A relação com os professores é em sua maioria ótima (6 alunos classificaram como ótima, 5 como boa e 1 como razoável). Marcos, Ricardo, Cássia, Letícia, Carol e Andressa justificaram suas relações como *boa*, *boa*, *ótima*, *ótima*, *boa* e *razoável* dizendo respectivamente que “não tem reclamações”, “todos eles nos dão atenção necessária e trata a gente bem”, “uma convivência ótima entre alunos e professores”, “são uns amores. Amo meus professores”, “ótimos professores” e “porque às vezes o professor ele tem que, se às vezes ele não compreende para ensinar a gente que tem um pouco de dificuldade”. Por melhor que seja essa relação, ela poderia ser ainda melhor. A fala de Ricardo é um tanto quanto intrigante já que “tratar bem” deveria ser um conceito básico para qualquer relação humana. Quanto às dificuldades postas por Andressa, estas serão melhor aprofundadas e especificadas no tópico pedagógico. É uma dificuldade de acompanhar a matéria? Ou é uma dificuldade em desenvolver as atividades propostas pelo professor?

Em relação à gestão, por sua vez, 5 alunos classificaram como ótima, 5 como boa, 1 como razoável e 1 como indiferente. Marcos, Ricardo, Cássia, Letícia e Carol classificaram como *boa*, *indiferente*, *ótima*, *ótima* e *boa* e justificaram respectivamente afirmando que “não tem nenhuma diferença”, “não temos muito contato com eles”, “ótima relação entre todos”, “ótima direção” e “não tive problemas”.

Quanto aos funcionários, os alunos possuem uma ótima relação em sua maioria (6 alunos classificaram como ótima, 4 como boa, 1 como razoável e 1 como indiferente). Apenas Marcos, Cássia e Letícia justificaram suas respostas como *ótima* defendendo que os funcionários “são pessoas que batalham dia a dia sem atrasar ninguém”, “são super respeitosos” e “amo todos”.

A partir da avaliação da estrutura e recursos da escola, 4 alunos classificaram como boa, 4 como razoável, 3 como ótima e uma abstenção. Marcos e Cássia justificaram suas respostas como *razoável* e *ótima* dizendo que “são coisas básicas que aprendemos” e “um espaço ótimo para a educação”. Tendo como resultado razoável empatado com boa, de que forma o aluno pode interferir nos recursos e nas estruturas da escola? É preciso ser de conhecimento dos alunos a existência dos conselhos escolares nos quais se faz presente gestão, professores, alunos e pais de alunos para que então os alunos possam participar e opinar sobre melhorias e verba recebida pela escola.

Visto que a sala de aula não é o único lugar responsável pela aprendizagem do aluno, ou como Freire (1996) coloca como experiências informais e sociais, esse era o objetivo das perguntas relacionadas aos relacionamentos dos alunos. A aprendizagem ocorre também durante o intervalo no pátio, na refeição dada pela merendeira ou na ida à diretoria ou coordenação.

## **(B) Aula**

Neste tópico serão apresentadas as respostas dos participantes quanto à

aprendizagem (6 questões) e o comportamento/disciplina (4 questões) dos alunos: Sobre a frequência que os alunos acompanham a matéria exposta pelo professor, 8 dizem acompanhar todas as vezes, 2 acompanham na maioria das vezes e 2 acompanham algumas vezes. Menos da metade dos participantes justificaram suas respostas: “sempre que venho tento aprender mais e mais” (Marcos), “todas as vezes que estou na sala de aula acompanho a matéria e respeito o professor” (Ricardo), “eles explicam extremamente bem” (Cássia), “todas às vezes quando posso” (Andressa). Já Carol acompanha a matéria exposta na maioria das vezes por conta do “trabalho”.

Após definir o objetivo da matéria, é preciso levar em conta o que Giroux (1997) discorre sobre o professor investigador o qual deve buscar o método mais apropriado de expor o conteúdo desejado. Todavia, não há uma fórmula mágica ao passo que nem todos os alunos aprendem da mesma forma. Freire (1996) já dizia que ensinar não é transferir conhecimento, mas construir possibilidades para a própria prática. É através das tentativas dessas possibilidades que é possível chegar às nossas respostas. É na tentativa e erro, e na reflexão dos mesmos.

Outro aspecto a ser evidenciado é em relação às justificativas de Marcos, Ricardo e Andressa os quais afirmam sempre quando podem, quando estão em sala de aula, ou seja, quando não faltam. Como lidar com as lacunas deixadas pela falta de assiduidade dos alunos? De que maneira podemos incentivá-los a não faltar? Trazer o contexto dos alunos em meio aos meios linguísticos de Inglês é uma das possibilidades, como, por exemplo, explicar a estrutura da ordem das palavras em inglês ao dar uma caracterização a um substantivo utilizando exemplos reais, a cor do casaco do Marcos ou a fofura do estojo da Andressa. Esses exemplos são o que Freire (1996) chama de aprender de forma significativa. Outra forma de incentivar a curiosidade dos participantes quanto a aprender a língua inglesa é descobrir o que interessa mais para os alunos e os auxilia nesse processo de aprendizagem. Essa discussão terá ênfase maior na última seção (pedagógico). Porém, quando a justificativa foge do controle do professor, como Carol que, por vezes, não consegue acompanhar a matéria por conta do trabalho, cabe à escola flexibilizar a entrada tardia desses alunos assim como cabe aos professores o que Freire (1996) diz sobre não transferir conhecimento e buscar alternativas para que o aluno não seja prejudicado.

A maioria dos alunos respondeu na segunda pergunta que possuem certa dificuldade algumas vezes em desenvolver as atividades propostas pelo professor. Marcos, Ricardo, Keila e Andressa justificaram respectivamente suas dificuldades: “tenho dificuldade de compreensão em algumas matérias”, “às vezes não me concentro na lição por causa dos outros alunos que conversam bastante e acabo não entendendo a matéria”, “algumas matérias eu gosto, por exemplo matemática, e não gosto de inglês”, “porque às vezes é um pouco difícil”. Apenas 2 alunos responderam que nunca possuem dificuldade. Somente Cássia se justifica: “não tenho dificuldade com o aprendizado”. Esse número significativo de participantes com dificuldade é sinônimo de mudança. A ação de aplicar uma atividade pode ser alterada ao se dar opções aos alunos de como eles gostariam de trabalhar determinado assunto. É através de uma série de perguntas? É

fazendo uma pesquisa na sala de informática? Afinal, dar opções de propostas de atividades e deixar os alunos votarem é uma ação democrática e de cidadania. Além da proposta da atividade não ter vindo inteiramente do professor, e sim de uma ação colaborativa entre professor e aluno.

A terceira questão resultou com a maioria dos alunos respondendo que copiam a matéria apresentada no caderno (10 de 12 alunos). Alguns desses 10 alunos - Ricardo, Cássia, Keila e Andressa justificaram suas respostas: “sempre que estou presente na sala de aula anoto todas as lições”, “sempre estou em dia com o caderno”, “é importante ter todas as lições”, “sempre procuro deixar meu caderno em ordem”, “quando venho”. Um aluno respondeu que copia na maioria das vezes e outro aluno, Marcos, diz “sempre que consigo” ao responder que copia algumas vezes.

Copiar não é garantia de que os alunos vão entender o que é para ser feito. Embora os registros sejam grandes aliados em casa como forma de consulta, esses registros não são a prova de que eles irão aprender e não terão dificuldade. Como os livros didáticos ficam na escola e são compartilhados pelos alunos da manhã, nenhum aluno possui seu próprio livro dificultando o processo de ensino-aprendizagem, pois o tempo utilizado para os alunos copiarem certas coisas no caderno poderia ser aproveitado de uma maneira mais satisfatória. Apesar de o aluno ter de identificar somente a página do livro e responder sem ter que copiar o enunciado no caderno, há outra problemática como, por exemplo, o caso dele não conseguir terminar a atividade durante a aula e não pode levar o livro para casa para terminar a atividade. Nesse último caso, o uso do celular é uma ótima opção através da fotografia. Mas é preciso tomar cuidado para essa prática não virar corriqueira como solução para não terminar a atividade em sala de aula.

A quarta pergunta, de 12 alunos, 8 responderam ter sempre liberdade para fazer perguntas durante as aulas, 3 responderam ter liberdade na maioria das vezes e 1 aluno respondeu que isso ocorre algumas vezes. Desses 8 alunos, 4 - Marcos, Ricardo, Cássia, Keila - justificaram suas respostas: “ninguém pode impedir ninguém de se expressar”, “a professora sempre deu liberdade para perguntas sobre a lição”, “todas as dúvidas que tenho os professores me ajudam”, “sim sempre tiram as minhas dúvidas os professores sempre estão à disposição”. É possível atingir 100% que os alunos tenham sempre essa liberdade e não somente algumas vezes ou na maioria das vezes? Freire (1996) já dizia sobre a importância de reconhecer as individualidades (timidez, medo, insegurança, etc.) que fazem parte do ser humano e de entender como isso afeta o processo educativo do aluno. O professor dentro do alcance dele pode e deve trabalhar essa timidez e esse medo aos poucos na criação de um ambiente acolhedor.

Quanto à quinta pergunta, a maioria dos alunos responderam que algumas vezes ficam perdidos durante a explicação do professor (8 dos 12 alunos). Marcos, Cássia e Andressa justificaram suas respostas: “quando eu estou prestando atenção, algum colega me chama ou eu não entendo mesmo os professores”, “às vezes me perco, mas por falta de atenção”, “às vezes é muito barulho dos alunos”. Quanto aos 3 alunos que nunca se perdem, Keila e Ricardo justificam suas respostas: “sempre fico atenta para poder



entender”, “ela sempre explicou bem e fácil”.

De 3 alunos, 2 citaram a falta de atenção seja por conta do colega ou por outro motivo. Tendo em vista por Morin (2001) que cada aluno possui sua própria forma de percepção e por Giroux (1997) que nem todos os alunos aprendem a partir das mesmas formas e materiais, logo, obter a atenção do aluno durante a explicação é possível de várias maneiras. Alguns alunos são mais visuais, outros mais sonoros ou mais sensitivos ao tato. Por isso é importante ensinar o conceito de conhecimento para o aluno. Ele precisa se conhecer e perceber qual é a melhor estratégia para aprender. Isso é o que Morin (2001) defende sobre como lidar com as incertezas. Dito isso, a utilização de imagens, vídeos ou sons é uma possibilidade viável que deve ser utilizada pelo professor de forma versátil a partir das necessidades dos seus alunos.

A frequência mais respondida pelos alunos em relação à realização das atividades propostas pelo professor é “todas às vezes” com 8 votos, seguido de “na maioria das vezes” com 3 votos e “algumas vezes” com 1 voto. Marcos e Cássia justificam suas respostas: “realizo quando eu consigo” e “amo fazer atividades elaboradas com os professores”. Na maior parte das respostas, há uma tentativa de realizar as atividades. Mas de acordo com os resultados da segunda pergunta, há em sua grande maioria uma dificuldade, o que pode resultar numa desistência ou desânimo por parte do aluno. O professor, como orientador, deve mostrar de que forma os alunos podem lidar com tal dificuldade, mas antes é necessário identificar essa dificuldade.

Na sequência, veremos o quesito comportamento/disciplina. A partir da primeira questão, é considerável o número de alunos que conversam durante as aulas de inglês (6 de 12 alunos), 2 alunos disseram conversar na maioria das vezes enquanto 3 alunos afirmaram nunca conversar durante as aulas. A maioria dos alunos - Marcos, Ricardo, Cássia, Letícia, Keila - que responderam que conversam algumas vezes se justificam: “algumas aulas eu fico perdido e converso com meus colegas”, “só sobre a matéria”, “as vezes eu me distraio e acabo conversando”, “porque ela é dinâmica”, “porque sempre tira dúvida, o inglês é muito difícil de entender”.

Conversar nem sempre é sinônimo de bagunça até porque faz parte da condição humana como menciona Morin (2001). Entender a complexidade humana é entender a necessidade de estar em contato com o outro através da fala. É muitas vezes nesse contato, nessa troca de conhecimento que algo que não ficou muito claro para o aluno é compreendido quando ele ouve do colega a explicação do professor, porém com outras palavras. Em consonância com Morin (2001), Freire (1996) ressalta que a aprendizagem também ocorre por meio das experiências informais e sociais dentro da própria sala de aula como a interação dos alunos, por meio das conversas paralelas.

Entretanto, é preciso reconhecer e estabelecer limites para que as conversas paralelas não se tornem algo prejudicial aos alunos. De que forma é possível estabelecer uma relação saudável entre os alunos através dessas conversas?

Metade dos alunos respondeu na segunda pergunta que nunca fazem uso do celular (6 de 12). Marcos justifica nunca usar o celular porque “[...] acho que não deve usar”. Enquanto 4 alunos responderam fazer uso algumas vezes. Ricardo, Cássia e Keila

justificam suas respostas: “para pesquisar palavras em inglês e imagens”, “às vezes precisamos do uso da internet para elaborar atividades”, “para pesquisar algumas palavras que eu não intendo”.

Embora não seja o foco deste trabalho aprofundar sobre as novas tecnologias em sala de aula, é necessário abordar de forma sucinta a importância do uso do celular como um ganho, um instrumento positivo, pois ele faz parte da vida das pessoas. Como diz Morin (2001), ensinar a compreensão requer também que o professor tenha essa percepção do celular na vida humana e conseqüentemente compreenda o seu uso de forma moderada e como um suporte aliado.

Quanto ao uso do fone de ouvido nas aulas de inglês, a maioria dos alunos respondeu nunca fazê-lo, porém apenas 2 alunos - Cássia e Andressa - justificaram suas respostas: “eu não trago o fone, pois acho desnecessário”, “porque eu não gosto”. Enquanto 1 aluno, Marcos, respondeu fazer uso algumas vezes “para me concentrar na aula. Durante as aulas de inglês é permitido a todos os alunos utilizarem o fone de ouvido com responsabilidade, porém enquanto essa reflexão é dada, um questionamento surge como o de identificar o aluno que não aprende de maneira eficaz com esse método e ao ser identificado, como justificar para os alunos que uns podem usar o fone e outros não de forma justa e igualitária? Uma mudança se faz necessária!

Mais da metade dos alunos responderam na quarta questão que nunca fazem bagunça durante as aulas de inglês (10 de 12 alunos). Entre os 10 alunos, Marcos e Cássia se justificaram: “escola não é lugar de bagunça” e “eu me interessou muito nas aulas”. E um aluno não respondeu a essa questão. Esse item será melhor abordado no tópico seguinte.

### **(C) Pedagógico**

A conversa paralela é o que mais incomoda e dificulta a aprendizagem da língua inglesa (5 votos), no qual apenas Marcos e Cássia se justificam: “quando ficam conversando do meu lado ou falando auto de mais” e “as conversas paralelas me incomodam pois atrapalha o outro a prestar atenção”. Em segundo lugar temos a brincadeira/bagunça dos colegas (3 votos) e a opção outros (3 votos) no qual apenas Fernando e Amanda se justificam: “muita gritaria” e “nada me incomoda”. Por último, temos o posicionamento das cadeiras (1 voto). A opção “Diferença de idade entre os colegas de sala” para a nossa surpresa não foi a mais votada. Dessa forma, precisamos ponderar dois dados: a opção “brincadeiras e bagunças dos colegas” ser classificada em segundo lugar empatado com a opção “outros” no qual não sabemos que “outros” é esse que incomoda e dificulta a aprendizagem da língua inglesa e o dado no que diz respeito à frequência que os alunos bagunçam durante as aulas de inglês. A partir desse dado, a maioria dos participantes diz nunca fazer bagunça (10 de 12) e nenhum deles justifica sua resposta. Um aluno inclusive não respondeu essa questão.

O eixo que os alunos possuem maior dificuldade é o da leitura com a metade dos votos (6 de 12) no qual apenas Marcos se justifica: “é complicado”. Em segundo lugar,

temos a escrita (4 votos) seguido da oralidade (2 votos) no qual Cássia se justifica dizendo que “não consigo falar o inglês corretamente”. A explicação do professor é o que mais auxilia os participantes na aprendizagem de língua inglesa (10 de 12). Entre 10 participantes, apenas Marcos e Cássia justificam suas respostas: “os professores são um pouco rápidos com as aulas” e “a explicação auxilia muito no aprendizado”. A correção das atividades encontra-se no mesmo patamar da aula na sala de informática. Visto que a explicação do professor é o que mais auxilia o aluno, é preciso então investigá-la.

O trajeto para chegar à escola é o que mais dificulta a aprendizagem (5 votos) seguido dos trabalhos/pesquisas para casa (3 votos) e o acesso à internet (1 voto). Cássia justifica sua resposta para outros dizendo que “Algumas coisas me incomodam”, mas não a especifica. Entender letras de música (5 votos) é o que mais importa para os alunos, seguido de entender o vocabulário de filmes (2 votos), e games (2 votos) e outdoors e propagandas (2 votos). Por último, temos a opção “outros” votada por Cássia que se justifica: “o vocabulário para se comunicar com outras pessoas”. Em relação ao que mais auxilia o aluno fora da sala de aula é possível observar diferentes fatores, sobre os quais apenas Cássia se justifica: “Amo ouvir música internacional isso me incentiva a querer aprender o inglês”.

### 3.3 SUGESTÃO/COMENTÁRIO

Nenhum participante preencheu essa última seção do formulário.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta investigação foi elencar as dificuldades e necessidades dos alunos da EJA em relação à aprendizagem da língua inglesa a fim de que docentes das referidas turmas possam repensar sua prática relacionada à aprendizagem de língua inglesa desses alunos.

A primeira parte do questionário foi tão importante e essencial quanto o final, pois assim foi possível contextualizar o leitor acerca de quem são esses participantes da pesquisa. Conforme Morin (2001) afirma ser necessário à educação do futuro, ensinar a condição humana é primordial e acreditamos que seja para o leitor também visto que é necessário reconhecer a condição de que todos somos seres humanos, independente de raça, condição social, gênero. Em conjunto ao autor, portanto, percebemos a necessidade de uma reforma das mentalidades!

A segunda parte do questionário, que diz respeito ao tópico A (relacionamento) do processo de ensino-aprendizagem é imprescindível afirmar que não cabe somente ao professor esse trabalho da educação do futuro colocado por Morin (2001). É um trabalho em equipe entre professor, aluno, gestão, funcionários e familiares dos alunos. É possível eleger a parte B (aula) e C (pedagógico) como a essência do trabalho dado que pude levantar as dificuldades dos participantes. Se por um lado há uma tentativa da maioria dos alunos em realizar as atividades de inglês, por outro lado há uma

dificuldade em realizá-las. Ao identificar que a especificidade da dificuldade paira no eixo da leitura em conjunto com as conversas paralelas e brincadeiras/bagunça dos colegas, acredito que o problema maior consta nas explicações do professor, visto que de 12 alunos, 10 responderam que a explicação do professor é o que mais auxilia na aprendizagem de língua inglesa e que há uma perda significativa de entendimento dos alunos durante as explicações do professor (8 de 12 alunos).

Diante das problemáticas, parece-nos ser possível adaptar e até mesmo implementar nas explicações dos conteúdos aspectos relacionados à importância da língua para os participantes, como entender letras de música que se encontra em primeiro lugar. Sendo assim, que haja muita música! É possível que o professor trabalhe a música de diversas maneiras. Ao descobrir o gênero de maior preferência dos alunos, é interessante diversificá-lo a fim de atender o maior público possível. Há a possibilidade de se trabalhar a música focando apenas no *listening*, no *Reading*, no *speaking* e *writing*. As possibilidades são muitas.

Além do gênero canção, temos como alternativas de trabalho outros gêneros textuais como resenha de filmes, de games e anúncios publicitários. O fato é que o processo de ensino-aprendizagem ocorre de forma singular e que não há uma regra geral aplicável para todas as situações e pessoas como observado na última questão em que todas as opções foram selecionadas como o que mais auxilia na aprendizagem da língua inglesa fora da sala de aula. É na tentativa e erro, guiada com muito planejamento e reflexão pelo professor através da sua capacidade de conhecer e perceber seus alunos no dia a dia por meio das trocas de conhecimento, que isso é atingido.

Quanto à bagunça, se a maioria dos alunos diz não bagunçar, quem faz essa bagunça? O único aluno que diz bagunçar todas às vezes? Ou o aluno que não respondeu à pergunta? O fato é que ela existe dentro da sala de aula. Diante disso, o que cabe aos professores fazer? Contratos pedagógicos em parceria com os alunos desde o primeiro dia de aula relativamente a casos de indisciplina. Se há bagunça é porque há um indivíduo ativo por trás dessa bagunça. Esse indivíduo deve ser visto como um desafio pedagógico e não como um caso perdido. A partir do momento que você desiste do aluno, ele conseqüentemente desiste de você e do propósito dele na escola e muitas vezes isso acaba virando motivo de abandono escolar, o que é muito comum na EJA.

Além disso, pelo fato das aulas da EJA ocorrerem à noite, o trajeto foi posto como um dos grandes empecilhos pelos alunos. Entretanto, é difícil discriminar sem ter nenhuma justificativa dos alunos sobre o que exatamente desse trajeto é o mais problemático, se é a iluminação ou a segurança, a distância, o cansaço, a calçada, o trânsito. Presumindo que seja o conjunto de tudo isso, o problema encontra-se ao redor da escola, logo o problema é da comunidade, de segurança pública, o qual o prefeito deve ser acionado, informado e cobrado. A terceira e última parte do questionário, sugestão/comentário, não apresentou respostas.

A partir dos resultados apresentados, as reais necessidades e dificuldades dos participantes foram identificadas, tal como elencadas algumas possíveis soluções. Entretanto, parece faltar algo. Um sentimento de vazio por não poder modificar as aulas

pensando nas dificuldades levantadas pelos alunos por vários motivos. Entre eles, alguns já se formaram e saíram da EJA, pois estavam na turma final. Quanto aos alunos que estavam na turma complementar e que atualmente (2020) estão na turma final, devido à dinâmica de atribuição de aula da prefeitura, a professora de língua inglesa da EJA não é mais a referida professora. Uma das maiores dificuldades, como professor da prefeitura, é manter uma continuidade com seus alunos, uma unidade de trabalho. Em contrapartida, essa pesquisa serviu como instrumento de investigação para atuais e futuros alunos, proporcionando outro olhar, outro ponto de vista sobre a aula, a disciplina e o aluno.

Almeida e Corso (2015) ao fazer uma retrospectiva da história da EJA no Brasil elenca que o desafio era garantir o acesso, a permanência e o sucesso no início ou no retorno dessas pessoas à escolarização como direito fundamental. O acesso já se conseguiu, a permanência e seu sucesso, por outro lado, são conquistas diárias e árduas que cabe ao professor como intelectual transformador como evidencia Giroux (1997) através da curiosidade de estar sempre pesquisando e estudando alternativas para melhorar sua prática. Arriscamos ainda acrescentar que o desafio da EJA além do sucesso desse aluno durante sua permanência na escola é o sucesso depois de formado, na faculdade, na sociedade ocupando e conquistando seu espaço.

É pensar para além desse aluno, como ser humano, ou seja, como cidadãos reflexivos e ativos pertencentes à uma sociedade. Acredita-se que uma das formas de combater a desigualdade social é através do investimento na educação. Por isso, o professor precisa assumir uma responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias sobre o que e como ensinar, principalmente o objetivo específico e geral pelo qual está lutando. E não possuir o que Freire (1996) chama de realidade idealizada através da prática docente cuja disciplina ensinada nada é relacionada à realidade externa dos alunos. Do mesmo modo que o professor não pode se acomodar e sim se capacitar com cursos, pesquisas e muito estudo. O professor é um eterno aluno!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. de., CORSO, A. M. *A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais*. Paraná, 2015.

BRASIL. *Lei das Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry. *Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.



TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

## ANEXO

### Questionário

O objetivo deste instrumento é entender o contexto em que os alunos da EJA estão inseridos para levantar os desafios encontrados por eles em relação ao processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa.

### Identificação

- 1) Idade: \_\_\_\_\_ anos.
- 2) Sexo biológico: Masculino ( ) Feminino ( )
- 3) Como você se identifica enquanto gênero?
- 4) Estado civil: Solteiro ( ) Casado ( ) Viúvo ( ) Divorciado ( )  
Outros: \_\_\_\_\_
- 5) Possui filhos: Sim ( ) Não ( )  
Se sim, número de filhos: (\_\_\_\_)
- 6) Você trabalha: Sim ( ) Não ( )  
Se sim, profissão: ( )
- 7) Você já foi retido:  
Sim, uma vez, em outra escola ( ) Sim, duas vezes ou mais ( )  
Sim, 1 vez, nesta escola ( ) Não ( ) ***Pule para a questão 12***
- 8) Você foi retido no:  
1º ano/Alfabetização ( ) 3º ano ( ) 5º ano ( ) 7º ano ( ) 9º ano ( )  
2º ano ( ) 4º ano ( ) 6º ano ( ) 8º ano ( )
- 9) Motivo da retenção:  
Doença ( ) Desempenho dos professores ( ) Gravidez ( )  
Problemas familiares ( ) Falta de dedicação ( ) Número de faltas ( )  
Professores injustos ( ) Dificuldade de organização ( ) Escola exigente ( )  
Dificuldade de compreensão ( )  
Outros: \_\_\_\_\_
- 10) Você ficou sem estudar por: \_\_\_\_\_ anos.
- 11) Por que você decidiu voltar a estudar?

### Processo ensino-aprendizagem

- 1) Avalie os seguintes pontos:

#### 1.1 Relacionamento:

- a) Relação com os colegas:

Boa ( ) Razoável ( ) Ótima ( ) Complicada ( ) Ruim ( ) Indiferente ( ) Péssima ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

- b) Relação com os professores:

Boa ( ) Razoável ( ) Ótima ( ) Complicada ( ) Ruim ( ) Indiferente ( ) Péssima ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

c) Relação com a gestão (Coordenação/Direção):

Boa ( ) Razoável ( ) Ótima ( ) Complicada ( ) Ruim ( ) Indiferente ( ) Péssima ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

d) Relação com os funcionários:

Boa ( ) Razoável ( ) Ótima ( ) Complicada ( ) Ruim ( ) Indiferente ( ) Péssima ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

e) Escola (Estrutura/Recursos):

Boa ( ) Razoável ( ) Ótima ( ) Complicada ( ) Ruim ( ) Indiferente ( ) Péssima ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

## 1.2 Aula:

### I. Aprendizagem

a) Acompanho a matéria exposta pelo professor

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

b) Tenho dificuldade em desenvolver as atividades propostas pelo professor

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

c) Copio no caderno a matéria apresentada

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

d) Tenho liberdade para fazer perguntas

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

e) Fico perdido durante a explicação do professor

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

f) Realizo as atividades propostas pelo professor

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

### II. Comportamento/Disciplina

a) Converso com os colegas durante as aulas de inglês. Por quê?

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

b) Faço uso do celular durante as aulas de inglês. Com que objetivo? Para que? Por quê?

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

- c) Faço uso do fone de ouvido durante as aulas de inglês. Com que objetivo? Para que? Por quê?

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

- d) Bagunço durante as aulas de inglês. Por quê?

Nunca ( ) Algumas vezes ( ) Na maioria das vezes ( ) Todas as vezes ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

### 1.3 Pedagógico

#### I. Sala de aula

- a) O que mais me incomoda e dificulta a aprendizagem da língua inglesa de 1 à 5, sendo 1 o que mais incomoda:

Conversa paralela ( )

Posicionamento das cadeiras ( )

Iluminação/Ventilação ( )

A diferença de idade entre os colegas de sala ( )

Brincadeira/bagunça dos outros alunos ( ) Outros ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

- b) Tenho mais dificuldade nas aulas de inglês de 1 a 3, sendo 1 o que mais tenho dificuldade no eixo da:

Oralidade ( ) Leitura ( ) Escrita ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

- c) O que mais me auxilia na aprendizagem da língua inglesa de 1 a 6, sendo 1 o que mais auxilia:

Livro didático ( ) Explicação do professor ( ) Atividades em duplas/grupos ( )

Correção das atividades ( ) Vídeos/Músicas/Jogos ( ) Aula na sala de informática ( )

Outros ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

#### II. Fora da sala de aula

- a) O que mais me incomoda e dificulta a aprendizagem da língua inglesa de 1 a 4, sendo 1 o que mais incomoda:

Trabalhos/pesquisas para casa ( ) O trajeto para chegar na escola ( )

Tarefas domésticas ( ) O acesso à internet ( ) Outros ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

- b) O inglês é importante no seu cotidiano de 1 a 5, sendo 1 o mais importante:

Entender letras de músicas ( ) Entender o vocabulário de filmes ( )

Entender o vocabulário de games ( ) Entender outdoors e propagandas ( )

Outros ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

- c) O que mais me auxilia de 1 a 6 na aprendizagem, sendo 1 o que mais auxilia:

Familiares ( ) Ver seriado e filme com legenda ( ) Caderno do aluno ( )

Ver seriado e filme sem legenda ( ) Ouvir música ( ) Internet ( ) Outros ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

**Sugestão/Comentário**